

A IDENTIFICAÇÃO DE CATEGORIAS COGNITIVAS COMO GATILHO DE MUDANÇA: GRAMATICALIZAÇÃO DO *FORA*.

Lídia Spaziani¹ - USP

Resumo: Com este trabalho, temos como objetivo mais amplo o de apresentar um recorte da pesquisa desenvolvida durante Mestrado. Como objeto há a palavra *fora* em processo de gramaticalização da no Português do Brasil² (PB). Como objetivo específico, discorreremos sobre a investigação do processo de mudança do *fora*. No projeto, como um todo, o *corpus* *fora* constituído a partir de algumas relevantes amostras do PEUL-RJ (Projeto de Estudos e Usos Lingüísticos), de textos provenientes da Internet (textos midiáticos como *blogs* e *orkuts*) e de textos de dissertações de mestrado (USP) da área de Filologia e Língua Portuguesa. Aqui, o *corpus* será mantido, mas apenas os exemplos relevantes para a amostragem, análise e especificação da teoria é que serão mantidos. Acredita-se que a Abordagem Funcionalista seja o mais abrangente escopo por exigir um percurso com três condições, na pesquisa a ela atrelada, ou seja, que busque a possibilidade de observação mais detalhada das ocorrências da palavra '*fora*' quando observadas em padrões funcionais a partir das categorias cognitivas dentro do contexto discursivo-pragmático. Essas três condições estão mais próximas da fala, que é onde ocorre a mudança lingüística, para, posteriormente serem indexada à forma da escrita. Como suporte teórico há a gramaticalização inicialmente observada por Meillet (1912), e nessa pesquisa, revistas por Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), no que tange à deterioração de itens lexicais que são decategorizados como itens gramaticais numa progressão que torna palavras autônomas em dependentes. Utilizamos os pressupostos teóricos de Heine *et alli* (1991) que explicam haver uma direção num deslizamento entre as categorias cognitivas. Elencamos os setes pressupostos que determinam as condições em que as categorias se tornam mais gramaticalizadas. A partir deles que nossa análise prosseguiu.

PALAVRAS-CHAVE: advérbio; mudança lingüística; categorias cognitivas; gramaticalização; unidirecionalidade.

Introdução

A interação social se faz a partir e dentro da dinamicidade de uma língua, nota-se a relevância desta nas estruturas sintáticas que são os alicerces para o entendimento e a expressão no meio interativo que é o social.

Notamos que essas interações são os movimentos necessários para que a 'onda' de comunicação se movimente, e é nesse ínterim que as mudanças se instauram, trazendo para a língua a retro-alimentação, compondo a constante renovação do sistema

¹ USP- Programa de Pós-Graduação- FFLCH- Faculdade de Filosofia Ciências e Letras USP. Rua do Lago, 717 - Cidade Universitária - São Paulo – Brasil.

² O termo 'Português do Brasil' foi usado em contraste com o 'Português Europeu', e dentro do PB nos ativemos a algum perfil de língua falada e escrita, conforme explicado no *corpus*.

lingüístico, o que tende a acarretar “o surgimento de novas funções para as já existentes e novas formas para funções já existentes” (GONÇALVES, 2003). Diante de um amálgama de vieses das mudanças identificadas dentro do sistema, nos ateremos, aqui, ao desenvolvimento da pesquisa com base nas categorias cognitivas propostas por Heine *at alli* (1991), e a partir delas, observar a gramaticalização em uma de suas características mais deflagradas, a da unidirecionalidade, caminho no qual o processo de mudança da língua, também, ocorre.

Processo de gramaticalização na perspectiva de Heine (2003)

Observaremos, na seqüência, o posicionamento de alguns autores sobre o que é gramaticalização e como ela se envolve e modifica a língua.

Heine (2003) explica que a gramaticalização de uma expressão lingüística mescla quatro processos:

- (i) Dessemantização (*bleaching*, redução semântica) – perda de conteúdo semântico.
- (ii) Extensão (ou generalização de contextos) – uso em novos contextos.
- (iii) Decategorização – perda de propriedades características das formas-fonte, incluindo perda de *status* de forma independente (cliticização, afixação).
- (iv) Erosão (ou redução fonética) – perda de substância fonética.

Esses processos propulsionam três estágios (*overlap model*), conforme expõe Lima-Hernandes (2005), com base nas idéias de Heine (2003):

- (i) Há uma expressão lingüística A, que é recrutada para sofrer gramaticalização.
- (ii) Essa expressão adquire um segundo padrão de uso, B, que apresenta ambigüidade em relação a A.
- (iii) Finalmente A se perde, e somente B aparece como uso possível.

Modelo de gramaticalização de Heine, Claudi & Hünemeyer (1991)

Para que haja gramaticalização, Heine, Claudi & Hünemeyer (1991) explicam que uma direção deve ser reconhecida num deslizamento entre as categorias cognitivas, que refletiriam um deslizamento gramatical: do menos gramatical para o mais gramatical. Eis o grande pilar e, ao mesmo tempo, a grande polêmica dos estudos sobre gramaticalização.

Os autores oferecem sete tópicos que determinam as condições em que as categorias gramaticais se tornam mais gramaticalizadas:

- (a) *Se ela for, etimologicamente, derivada da outra, então ela será mais gramaticalizada.*
- (b) *Se duas funções deferem apenas quanto ao fato de que uma tem uma função espacial e outra é mais abstrata que aquela, então a última é mais gramaticalizada.*
- (c) *Se duas categorias gramaticais diferem pelo fato de que uma implica um participante humano e outra, inanimado; então, a última é mais gramaticalizada.*
- (d) *Uma categoria referente a um conceito com três dimensões é menos gramaticalizada do que uma liga a um conceito de uma dimensão.*
- (e) *Se duas categorias diferem pelo fato de que uma expressa uma 'relação temporal' e a outra, uma 'relação lógica', então, a última é mais gramaticalizada.*
- (f) *Se duas categorias diferem porque uma é mais abrangente, a mais abrangente é mais gramaticalizada.*
- (g) *Se um dado morfema governa tanto sintagmas nominais como sentenças, então, o último uso é mais gramaticalizado do que o anterior.*

Para iniciarmos as ilações, temos que observar as afirmações dos lexicógrafos³ sobre a palavra *FORA*, que inicia sua trajetória no português do século XIII como um *advérbio* passando a *AFORA*, e voltando a ser *FORA*, mas como *preposição*:

FORA advérbio:

- (1) F: Exatamente, então fica difícil saí, í ao cinema, pra saí lá *FORA* pra í a uma pizzaria, pagá estacionamento, gasolina, então isso tudo gasta, então entre gastá e economizá um pouquinho e terminá a minha obra, eu prefiro economizá, nem que fique em casa final de semana, ali no... no outro terracinho, tirano, veno a noite, o luar, muito bom (risos e) que eu... (Peulr-12)

Pode-se encontrar a forma mais recorrente de uso da palavra *fora*, por se tratar da distinção do eixo *dentro\fora*. Anterior a isso, há uma justificativa encontrada no quadro de análise diacrônico em que *fora* tem sua gênese “filiada ao acusativo plural da raiz indo-européia *porta*”, como afirma Viaro (1994:205). E essa noção é ratificada pelo mesmo autor, já em 2003, quando especifica que na CVA (construção de verbo + advérbio) há imagens associadas aos advérbios de lugar, fiz o autor: (...)Não é por acaso que palavras como a do grego *ekkleío*, o latim *excludo*, o alemão *ausschließen*, norueguês *utelukke*, russo *izkljuchit'*, húngaro *kizár* significam “excluir” e são compostas de um prefixo que significa “para *FORA*” e de um radical que significa “chave”. Se, por um lado, é facilmente derivável a idéia de que excluir é deixar alguém trancado do lado de *FORA*, essa noção não pode ser considerada universal (só seria desenvolvida em comunidades cujas casas têm portas, que, por sua vez, são trancadas a chave) nem lógica (pois depende de entes materiais cuja invenção advém da necessidade e arbítrio de uma comunidade). (VIARO, 2003:175-176)

Deve-se notar que a palavra *chave* é colocada com um dos radicais que determinam a palavra *excluir* nas línguas já citadas; daí a necessidade de saber a origem da primeira; no dicionário Houaiss, na nona acepção da derivação, temos por extensão de sentido: “qualquer instrumento ou ferramenta capaz de abrir ou fechar, apertar ou afrouxar, fixar, acionar, regular etc. um mecanismo dotado de parafusos, porcas, molas etc.” Nossos grifos salientam que esse instrumento (*chave*) é útil ao abrir ou fechar,

³ Vários lexicógrafos foram consultados e a pesquisa por completo se encontra na dissertação de mestrado “A gramaticalização do item ‘fora’ no Português do Brasil: a unidirecionalidade do processo”, constante da biblioteca da FFLCH-USP.

então, por analogia, temos a idéia de que a *porta* pode se encaixar como um dos objetos ao qual o *instrumento (chave)* seja necessário.

Na obra de 1994, o autor afirma que esse item também ocorre no balto-eslavo, germânico, sânscrito, grego, céltico e armênio. Só depois é que surge no latim tardio como preposição, visto na forma acusativa ou genitiva: *FORA* é tido como “*a foras, a foris, de foras, de foris.(...)* port. *FORA* e combinações *de FORA de, para FORA de, por FORA de, AFORA*”. Portanto, a trajetória histórica da palavra tem como ponto de partida um objeto concreto: porta.

Nesse momento da pesquisa, indagamos quais seriam as motivações para que um item adverbial denotador do espaço locativo externo em relação a outro, considerado interno, pudesse ter derivado do nome *porta*. Hipotetizamos que, em sendo *porta* um elemento concreto, delimitador do espaço físico externo/interno, não seria difícil que, por um mecanismo de extensão metafórica, pudesse ter sido revestido da nova significação.

Durante a pesquisa, apoiamo-nos em fragmentos do dicionário de Raphael Bluteau (1713: 165-166), em que os significados da palavra *FORA* são referendados por citações de autores (pensadores) latinos, como, dentro outros, Cícero, Plinius e Plautus, sendo deste último a afirmação “Se eu estou em casa, estou fóra com o espírito”. Só podemos analisar essa acepção se entendermos como era a edificação na Roma Antiga na época dos autores das citações elencadas pelo lexicógrafo. Na Antigüidade Romana, as habitações eram divididas em *insulae* (edifícios destinados às camadas populares) e *domus* (residências maiores unifamiliares e destinadas às camadas mais ricas), ambas com dois pátios ou átrios (local arborizado a que apenas os homens tinham acesso). Havia, também, um modelo peculiar de residência rural, a *vila* (formada de apenas uma casa, mas habitada por várias famílias).

Voltemo-nos à obra de Bluteau para compreender o gatilho de mudança da palavra *FORA* na Roma Antiga: *Porta*. Deriva-se dos verbos Latinos *Portare*, e *Transportare*, por que pelas portas se traz e se leva fóra o que se quer. *Porta* he abertura na parede, ou no muro de qualquer lugar fechado, e serve para entrar, e sahir. As primeiras portas foraõ as de Cidades, Villas e Povoações assim sae guardar os moradores dellas, como para introduzir os mantimentos.

Antigamente com a Relha, ou ferro de hum arado, tirado por hum touro, e h~ua vacca se delineava o terreno, em que se havia de assentar a cidade, e quando se chegava ao lugar, em que se havia de fazer a porta, era cerimonia, e religiosa observação daquelle tempo levantar, e ter suspenso no ar o ferro do arado, para que a terra do lugar, em que se havia de fazer a porta, não recebesse lesão alguã. Antigamente havia em Roma trinta ortas, donde tomavaõ principios outras tantas estradas, todas calçadas com incrível trabalho, dispendio e notável cõmodo dos caminhantes. Hoje as portas de Roma são 18. (...) (1713:625) (grifo nosso)

Depois de explicitado o ponto de vista resgatado pela etimologia e união de significados das palavras *chave – porta – FORA*, percebemos o quanto se tornava fundamental saber como eram os tipos de edificações da Antigüidade.

As informações colhidas serviram como indicativo de que à época dos autores das citações havia *portas* em locais de acesso restrito, como em ‘locais em que apenas os homens tinham acesso.

Percebemos também uma semântica às avessas do que se utiliza atualmente no português brasileiro contemporâneo. *FORA* no exemplo latino remetia ao momento em que o indivíduo se encontrava *dentro de casa*. Expliquemos: o hábito de estar dentro de casa refletia o momento do descanso, momento em que o indivíduo teria que atravessar a porta e ficar “*FORA* de circulação”, “ausente de situações comunicativas”. Como diz o escritor latino: “se estou em casa, ausente é a alma”, demonstrando a perspectiva oposta de interpretação que se tinha da palavra sob análise. Dessa acepção à referência do “lado exterior” não foi uma trajetória muito difícil de implementar já no latim.

Em Hieráclito, lemos: “*FORAs* portam”, indicando que o limite restrito fora ultrapassado, tal como dizemos hoje: *coloquei porta a FORA*. Novamente a referência locativa se faz pelo ambiente de dentro de um espaço físico, delimitado pela porta.

Voltemo-nos para o exemplo 1, que etimologicamente explicado, se adequa a *fora* advérbio, que pode ser contraposto ao exemplo (2)

- (2) F: [Acho que aqui *FORA* é melhor prá se trabalha] do que funcionário público, funcionário público tem que manda. Veja bem meu caso na área de educação (Peul- r-9)

Neste exemplo, o *fora* faz uma trajetória envolvida pelo processo mental e não locativo.

Aqui, como processo há o da *dessemantização*, sendo que há perda de conteúdo semântico e de *extensão* em uso em novos contextos.

Observemos agora o exemplo de *fora* preposição:

(3) E: Ah, é ? E faz muito tempo que *você* mora aqui em Campo Grande?

F: Faz, uns vinte anos.

E: Ah, é ? Ah... sim. É... você já morou em outros lugares ? (Est) *FORA* o Aterro onde você nasceu...

F: Irajá e Anchieta. (Peul-r-adri)

Esses exemplos demonstram a aplicação do pressuposto (b) *se duas funções diferem apenas quanto ao fato de que uma tem uma função espacial e a outra é mais abstrata que aquela, então a última é mais gramaticalizada*, ou seja, a preposição é mais gramaticalizada que o advérbio.

Aqui, como processo há o de *dessemantização* e o de *extensão*. Voltemo-nos ao exemplo:

(4) F- Ah. gostaria, sim. de viajar, ir à Europa, passear, não é? (est) Correr o-conhecer o mundo aí *AFORA*- is so no caso que o dinheiro desse. E- A terra dos seus pais? F- Também. Está aí. Também, (est) (Peul- c-11)

A formação de *a+fora* é posterior à formação do *fora*, como anteriormente explicitado. Agora vejamos o exemplo:

(5) “Eu deveria ter nascido aí. Pois tirando a minha aparência (risos), gosto das mesmas coisas que vocês. Dançamos a mesma música, bebemos as mesmas bebidas, rimos das mesmas piadas. Esta será a minha única turnê no ano”, diz o simpático inglês. “Decidi tocar porque amo o Brasil e os brasileiros. Eles parecem gostar de mim, também. *FORA QUE* o tempo na Inglaterra nesse período do ano é horrível”, justifica, gargalhando”

Aqui o *fora que* é analisado a partir do pressuposto (e) *se duas categorias diferem porque uma é mais abrangente, a mais abrangente é mais gramaticalizada*. Fazemos a união ao exemplo (1), este último se detalha pelo prototipia do advérbio locativo, então adaptamos e analisamos o pressuposto (e) como *se duas categorias diferem pelo fato de que uma expressa uma 'relação temporal' e a outra, uma ao, a relação lógica', então a última é mais gramaticalizada*.

Ainda no exemplo (5), o *fora* é admitido como conjunção ao ligar um aspecto discursivo com as orações e trazer, também, a noção de preposição: *fora que* e *além do que*.

Vejamos os exemplos (3) e (6):

(3) E: Ah, é ? E faz muito tempo que *você* mora aqui em Campo Grande?

F: Faz, uns vinte anos.

E: Ah, é ? Ah... sim. É... você já morou em outros lugares ? (Est) *FORA* o Aterro onde você nasceu...

F: Irajá e Anchieta. (Peul-r-adri)

(6) Olha, eu não tenho base certa, porque eu nasci aqui, mas eu saí, vivi *FORA* aí por Madureira, Campo Grande e Botafogo. Até em Caxias, eu já morei. Aliás falar em outro Estado, Caxias já não é mais Rio de Janeiro, não é? (Peul-c-3)

Fora o aterro, no exemplo 3, representa o pressuposto (c) *se duas categorias gramaticais diferem pelo fato de que uma implica um participante humano (vivi fora → advérbio) e outra, inanimado (fora o aterro → preposição), então o última é mais gramaticalizada*.

Um questionamento se fez durante a pesquisa, e aqui, cremos que as categorias cognitivas darão conto de explicá-lo: os exemplos (6) e (7) realmente estariam em processo de gramaticalização?

(6) Olha, eu não tenho base certa, porque eu nasci aqui, mas eu saí, vivi *FORA* aí por Madureira, Campo Grande e Botafogo. Até em Caxias, eu já morei. Aliás falar em outro Estado, Caxias já não é mais Rio de Janeiro, não é? (Peul-c-3)

(7) eu sei que o bolo é às cinco, eu (ruído) saí *FORA*, não fiquei! (Peul-r-10)

No exemplo (7), *sai fora, não fiquei*, pode ser um exemplo do pressuposto (b) *se duas funções diferem apenas quanto ao fato de que uma tem uma função espacial e outra é mais abstrata que aquela, então a última é mais gramaticalizada*. Ou seja, do locativo, lugar físico, passamos a ter o lugar mental, trazendo a idéia de *abandonar*.

Por um processo metonímico, a palavra *fora* corre em direção abstratização dentro da categoria de *espaço* num *continuum* de lugar: inicialmente,

- *verbo + advérbio + fora* passa ser:

- *verbo + fora que* identificado como conjunção e ainda:

- *verbo + sintagma nominal* que identificamos como preposição.

Porém, nos exemplos (6) e (7), podemos reanalísá-los com o escopo do verbo precedente em *vivi fora*, que modifica o próprio verbo, assumindo o seu escopo. O mesmo acontecendo no exemplo (8), *eu saí fora*, é menos locativo ou prototípico, sendo amalgamado ao escopo do verbo que o antecede, modificando-o: *de lado externo para desistência*, o que julgamos ser um verbo suporte⁴.

⁴ O verbo-suporte é entendido como “um subtipo de verbo, às vezes quase esvaziado semanticamente, que se une a uma forma não-verbal, freqüentemente um SN que se torna o predicado da oração, constituindo o predicado complexo (verbo-suporte + SN); então, o verbo suporte é a junção do verbo e do

Nos dois casos, observamos a possibilidade de haver lexicalização, sendo que o continuum passa de mais gramatical para lexical. Portanto, as categorias sofrem graus de gramaticalização ligados ao princípio da unidirecionalidade (organização concreto > abstrato) das categorias cognitivas.

Especificamente no espaço e dentro dessa categoria a mudança gramatical, há de advérbio concreto para conjunção e para preposição e ainda entre os dois últimos se intercala com o aspecto discursivo. Portanto, a conclusão trazida por Lima-Hernandes (2005) em que há três estágios no processo de gramaticalização se confirma, em recorrência nos dois primeiros estágios. (uma expressão lingüística A, que é recrutada para sofrer gramaticalização e, há, para a expressão recrutada um segundo padrão de uso que, pode apresentar ambigüidade).

Pela teoria de Heine, Claudi & Hünnemeyer (1991), encontramos indícios, em forma de adequação da teoria aos exemplos, que as categorias sofrem graus de gramaticalização, mas notamos que esses graus estão ligados ao princípio da unidirecionalidade, que é freqüentemente associado à organização concreto > abstrato das categorias cognitivas, como nos exemplos de *FORA* locativo físico para mental.

Assim, o surgimento de novas expressões lingüísticas através de estratégias que ampliam o uso já existente dessa expressão lingüística no sistema da língua tem sido demonstrado por meio da movimentação das categorias cognitivas. A organização proposta por Heine, Claudi & Hünnemeyer (1991) é a seguinte:

PESSOA > OBJETO > ATIVIDADE > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE.

A abstratização pode ser lida da esquerda para a direita, que também equivale à organização das categorias mais próximas do indivíduo (falante), as mais concretas, para as mais distantes e [-concretas].

Se entre as categorias houver a possibilidade de existência de outra categoria, então elas são consideradas categorias ‘fortes’. Da mesma forma, as expressões lingüísticas podem receber influência de mais de uma categoria cognitiva; palavras

objeto direto (sintaticamente definido), ou do verbo e seu constituinte SN, que semanticamente o complementa” (NEVES, 2006:63).

lexicais ou gramaticais só poderão ampliar seu significado e sua função mudando de posição para menos lexicais e mais gramaticais.

Essa avaliação da organização unidirecional, conforme os padrões funcionais anteriormente apresentados, é uma das estratégias de que lançaremos mão como recurso de análise, tal como defende Braga (mimeo., *apud* GONÇALVES, LIMA-HERNANDES & CASSEB-GALVÃO, 2007:41): “um recurso analítico que permite organizar e melhor compreender os diversos usos associados a uma determinada forma”.

Tendo em vista que as estruturas de uma língua estão em constante movimento, não há como ‘engessar’ a gramática de uma língua nem mesmo como recurso pedagógico, pois a língua é acometida de mudanças lingüísticas inevitáveis, como a que analisamos: o processo de gramaticalização de um item originariamente adverbial.

Referências bibliográficas

- BLUTEAU, R. *Vocabulário Português et Latino, Áulico...* autorizado com exemplos dos melhores escritores portugueses e latinos, e oferecido a El-Rei de Portugal, D. João V. Coimbra, Colégio das Artes da Companhia de Jesus; Lisboa: José Antônio da Silva, 1713. (volumes 1 e 6)
- GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso no português do Brasil. Tese de doutoramento, 2003.
- GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia & CASSEB-GALVÃO Vânia Cristina. *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrich; HÜNNENMEYER, Friederike. *Grammaticalization – A Conceptual Framework*. Chicago/London: University of Chicago, 1991a.
- _____. From cognition to Grammar: Evidences from African languages. In TRAUGOTT, Elisabeth.C.; B(orgs) *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamin, 1991b.
- HEINE, Bernd. Grammaticalization. In: JOSEPH, Brian D. e JANA, Richard D. *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.
- LIMA-HERNANDES, Maria Célia. Interface Sociolingüística/Gramaticalização: estratificação de Usos de Tipos, Feito, Igual e Como - Sincronia e Diacronia. Tese de doutoramento. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem/ Universidade Estadual de Campinas, 2005.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.